

PERROTTI, E.;VERDINI, A.S. Estações do Conhecimento: espaços e saberes informacionais. In: ROMÃO, L.M.S. (org.) **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos: Alfabeto, 2008, p. 13-40.

Estações do Conhecimento: espaços e saberes informacionais¹

Edmir Perrotti²

Antonia de Sousa Verdini³

Nova era, novos conceitos.

À primeira vista, pode soar estranho: o que é, afinal, uma *Estação do Conhecimento*? Todavia, talvez seja assim mesmo. O novo produz surpresas, espantos, resistências, mas os avanços dificilmente ocorrem sem uma certa dose de estranhamento. Se o passado ensina e reconforta, oferecendo referências das quais não podemos abrir mão com facilidade, o presente e o futuro demandam imaginação, deslocamentos, trilhas ainda não experimentadas, mas igualmente essenciais à continuidade da vida e das quais não podemos também abrir mão.

Nesse sentido, se a chamada *Era da Informação* continua reclamando a afirmação do indispensável ideal de acesso à educação e à cultura para todos, reclama também novos caminhos que o reconfiguram e ampliam, uma vez que o mundo é dinâmico e necessidades renascem a cada novo gesto e momento. Reivindicações históricas também se atualizam, acompanhando as mudanças, para que não se cristalizem e percam sua força original.

Desse modo, se no passado os referidos ideais de acesso ao conhecimento e à cultura geraram mobilizações que resultaram na renovação e/ou criação de instituições como, por exemplo, bibliotecas públicas, museus, centros de documentação, memória, destinadas especialmente a disponibilizar bens culturais de diferentes naturezas, no presente, ater-se exclusivamente a essas preocupações iluministas de *acesso* aos bens culturais é atitude extremamente limitada, insuficiente, especialmente – mas não só – em países como o Brasil, onde questões sociais básicas, com grandes repercussões no âmbito da vida educacional e cultural, estão ainda para serem firmemente enfrentadas e vencidas.

O conceito de *Estação do Conhecimento* resulta, pois, da crítica a atitudes de pensamento e de ação baseadas na transposição direta para os tempos atuais dos ideais de acesso à cultura dos *tempos modernos* e que vêm representando, no presente, pouco mais que acesso ao consumo cultural e não à produção e criação de bens simbólicos. Diferentemente do passado, quando a falta de informações não convivia ainda com seu excesso, quando não éramos ainda assaltados pelo mercado midiático que hoje nos circunda, invade e inunda com sua profusão de signos, vivemos hoje outras faltas tão importantes quanto à de acesso à materialidade dos objetos culturais, livros, jornais, revistas, CDs, DVDs, computadores e outros. Em meio à profusão de signos, faltam-nos quase sempre ferramentas cognitivas e socioculturais para lidar com o excesso, para dar

¹ Este trabalho é uma versão corrigida de texto apresentado para a série *A aventura de conhecer*, veiculada pelo Programa Salto para o Futuro, da TVE-MEC, em setembro de 2008, que contou com a assessoria do Prof. Dr. Edmir Perrotti.

² Edmir Perrotti é professor da Pós-Graduação em Ciência da Informação e diretor científico do Colabori – Colaboratório de Infoeducação da ECA/USP.

³ Antonia de Souza Verdini é pedagoga e assistente de pesquisa do Colabori

sentido aos signos, para participar afirmativamente, como protagonistas dos processos coletivos de construção de conhecimento e a cultura.

Nesse sentido, o conceito de *Estação do Conhecimento* tem em sua base reivindicações históricas provindas do passado e não realizadas ainda hoje, como também está ancorada na crítica a discursos que se mostraram e continuam se mostrando obsoletos, mesmo quando bem intencionados, o que nem sempre ocorre. Um exemplo dessa problemática é dado a nós pelas práticas de distribuição de livros para as escolas, desacompanhadas de preocupações e ações voltadas para seus (bons) usos na educação. Se, claro, ninguém de boa fé pode ser contra tal distribuição, dado especialmente o quadro de desigualdades observadas no país, por outro lado, tal distribuição, ao oferecer acesso aos livros, não ofereceu, necessariamente, acesso à leitura. Vários documentos oficiais, apresentando resultados de diferentes avaliações, reconhecem tal problema, mostrando que os níveis de leitura dos estudantes do país apresentam uma situação gravíssima, apesar da distribuição estatal de livros já datar de algumas décadas. Assim, se a distribuição permite, sem nenhuma dúvida, que milhares de crianças e jovens relacionem-se com a materialidade indispensável dos objetos de leitura, por outro lado, não permite necessariamente que se relacionem com a imaterialidade inexpugnável de seus conteúdos e significados. Nessas condições, solta dos processos educativos, tal distribuição indispensável vira *distributivismo*⁴, ou seja, trata os bens culturais como se fossem merenda, giz, lápis, borracha, sem considerar a dimensão simbólica dos bens culturais (os livros) que distribui e sua natureza específica. Se distribuir livros no Brasil continua, pois, sendo essencial, formar leitores para se apropriarem de suas dimensões simbólicas continua sendo muito mais, apresentando-se como tarefa bem mais abrangente e complexa que a simples distribuição física, implicando mediações socioculturais que necessitam ser mobilizadas - e mobilizadoras - para que os materiais distribuídos sejam efetivamente apropriados em suas múltiplas dimensões culturais.

Dito isso, podemos voltar à nossa questão: o que é mesmo *Estação do Conhecimento*?

Em primeiro lugar, podemos dizer que *Estação do Conhecimento*⁵ é um conceito orientador à constituição de ambientes especialmente preparados para a apropriação sistemática de saberes e fazeres informacionais, indispensáveis aos processos de construção de conhecimento e cultura na contemporaneidade. Por meio de vivências culturais múltiplas – da oralidade às redes digitais –, de ações educativas e culturais implicando diferentes recursos comunicacionais de nossa época, as *Estações do Conhecimento* constituem-se em espaço de aprendizagem e conhecimento, de criação de condições e saberes indispensáveis ao *protagonismo cultural*, num mundo onde o consumo, em todas as suas dimensões e não apenas de cultura e conhecimento é superestimado, em detrimento dos processos de criação e invenção. Nesse sentido, a *Estação do Conhecimento* é um conceito que integra num mesmo e dinâmico objeto os campos da Educação e da Cultura, articulando bens e processos simbólicos de diferentes espécies e naturezas a experiências educacionais demandadas não só, mas especialmente e com urgência na *era da informação*.

⁴ V. a respeito do termo *distributivismo*, PERROTTI, Edmir. Confinamento cultural, infância e leitura. São Paulo, Summus, 1992.

⁵ *Estação do Conhecimento* é um conceito resultante de pesquisas levadas há anos, na Escola de Comunicações e Artes, da USP, por equipe coordenada pelo Prof. Edmir Perrotti, e que tem como objeto de estudos os processos socioculturais de apropriação da informação e da cultura.

Por uma série de razões, no passado, as *aprendizagens informacionais* não eram objeto de preocupação específica. A bem da verdade, este conceito também é novo e sequer era mencionado enquanto tal na literatura educacional. Dentre tais razões, pelo fato de a informação não possuir o estatuto de autonomia e complexidade que possui hoje. Face a isso, era natural, portanto, que tais aprendizagens fossem sendo tratadas de forma implícita, difusa, sem apresentar, contudo, as mesmas conseqüências graves que tal tratamento acarreta nos tempos atuais. O mundo era outro e seguia por caminhos distintos.

A quantidade e complexidade dos processos de informação da contemporaneidade, sua centralidade nos processos socioculturais, não nos permite, todavia, continuar tratando a *informação* como mero acessório nos processos sociais, nem tampouco como instrumento, simples escada da *formação*, nos processos educacionais. Nas chamadas *sociedades da informação*, as relações entre *informação* e *formação* se alteraram, uma vez que a informação se torna um objeto e um campo específico de conhecimento - a Ciência da Informação - e de ação sociocultural.

Se, como nos mostra *O nome da rosa*, de Umberto Eco (2006), ambientes informacionais como as bibliotecas da Antiguidade, voltados exclusivamente para a conservação e reprodução da memória cultural, foram profundamente questionados pelos ideais renascentistas e, sobretudo, iluministas de *difusão cultural*, na atualidade, trata-se de recolocarmos a questão e desenvolvermos dispositivos voltados à *apropriação simbólica*, condição de *protagonismo cultural*, de afirmação da criação e não simplesmente do consumo dos bens culturais.

A *Estação do Conhecimento* é, pois, um conceito-objeto novo, dispositivo educativo-cultural a ser inventado e reinventado, situado na confluência do passado e do futuro, da memória e da imaginação, do conhecido e do desconhecido, dos campos teóricos e práticos da Informação e da Educação. Nesse sentido, ela é *terceira margem*, ou seja, *nem biblioteca, nem sala de aula*; por outro lado, *pode ser também biblioteca e sala de aula*, desde que articuladas, integradas, casadas, em torno de projetos comuns, destinados ao desenvolvimento sistemático e orgânico de saberes informacionais indispensáveis aos processos socioculturais de nossa época.

Se as *Estações do Conhecimento* constituem-se de materialidades, da reunião orgânica e criteriosa de recursos informacionais diversos (livros, CDs, DVDs, jornais, revistas, computadores, acervos de fotos, de memória local), de coleções informacionais devidamente organizadas e tratadas, por outro lado, constituem-se, sobretudo, de imaterialidades, de relações de sujeitos com os significados e as linguagens culturais, de intercâmbios simbólicos, de processos socioculturais múltiplos, devidamente desenvolvidos e que constroem saberes conceituais e procedimentais referentes às próprias informações, como, por exemplo, saber pesquisar, saber definir caminhos de busca, localizar, selecionar, organizar informações; saber avaliar, explorar, usar os múltiplos recursos disponíveis tanto para informar-se como para informar; saber contextualizar, associar, criar conexões entre conteúdos, suportes, linguagens, num processo de diálogo fértil e fecundo que constitui tanto os sujeitos como o próprio conhecimento.

Desse modo, *informação e formação*, cultura e educação estão reunidas nas *Estações do Conhecimento*, num movimento intenso de negociações simbólicas, cujo domínio é indispensável à construção do saber. Mais que um espaço de disponibilização de informações, as *Estações* são, nesses termos, espaços relacionais, tramas abertas e dinâmicas, com diferentes naturezas e funções educativas e culturais, tendo em vista os

atos de significação, de que nos fala Bruner (2001). Numa época em que, cada vez mais, os bens culturais nos chegam sob múltiplas formas, mediados por razões que não são necessária e primeiramente educacionais ou culturais, não podemos deixar de nos indagar sobre as questões da produção de sentidos, uma vez que, como afirma Bruno Bethelheim (1980), somos seres do significado, ganhamos existência humana na cultura. Convém lembrar sempre que sobrevivemos como espécie diferenciada, graças à possibilidade de constituirmos um mundo simbólico, plasmado nas interações com o mundo e o outro. A existência demanda sentidos, significados. (p.16)

Na *Era da Informação*, informar e informar-se são, pois, atos complexos que, para serem apropriados em suas diferentes e dinâmicas dimensões, necessitam de dispositivos educativo-culturais concebidos sob novas óticas, como as *Estações do Conhecimento*. As ações educativas e culturais nestas desenvolvidas de forma sistemática, orgânica e permanente, ao se organizarem em torno de seu objeto específico - a informação -, apresentar-se-ão como um novo conteúdo e tratamento dos processos de ensino-aprendizagem. Bem conduzidas, tais ações são capazes de atuar na redefinição e requalificação das relações de alunos, professores e toda a comunidade escolar com o conhecimento, os saberes disciplinares ou não, formais ou não, tradicionais ou não.

Configurações

A *Estação do Conhecimento* como foi dito é um conceito-objeto. Pode, portanto, dar origem e ser tanto ser um novo, concreto e palpável ambiente material, reunindo diferentes mídias e processos educacionais e culturais, como pode ser também uma instância de conexão, planejadora, articuladora e implementadora de recursos e processos previamente existentes, como bibliotecas escolares, salas de leitura, cantos de leitura, salas de aula, laboratório de informática, mas que se acham dispersos e não desenvolvem de forma sistemática e orgânica programas e projetos visando às aprendizagens informacionais.

Nesta última configuração, como instância, a *Estação do Conhecimento* vale-se, por exemplo, dos dispositivos existentes na escola, articulando-os entre si e com outros de fora da escola, somando, juntando esforços em direção aos objetivos pretendidos de apropriação de informações. Nesse sentido, ela reconfigura e redefine recursos e processos já existentes, organizando-os em redes, tramas, processos abertos e dinâmicos, no qual cada elemento continua mantendo sua identidade, mas ao mesmo tempo transformando-a, ampliando-a, fortalecendo-a. Desse modo, o primeiro passo é o estabelecimento de planos, programas e projetos envolvendo as *aprendizagens informacionais* que se deseja desenvolver em cada etapa do processo educacional: educação infantil, fundamental, ensino médio e superior.

Planos, Programas e Projetos

Evidentemente, a reunião de recursos múltiplos em um único ambiente facilita as ações, como ocorrem com bibliotecas escolares, algumas salas de leitura e outros espaços aglutinadores. Todavia, neste caso, mais importante que a reunião ou dispersão, é a existência de planos, programas e projetos que, inscritos nos planejamentos gerais das instituições educacionais e culturais, não adiam as aprendizagens informacionais, a apropriação dos saberes envolvendo os processos de informação, nem os tratem de forma aleatória ou residual. Na realidade, se aglutir objetos e equipamentos

informativas pode facilitar - sempre foi esse o sonho das grandes bibliotecas-, no mundo atual, as informações estão sempre em diferentes locais e não conseguimos nunca reuni-las num único dispositivo. Os dispositivos se completam, se complementam e não são nunca totais, mas parciais, restritos, incompletos, face à produção incessante e veloz de informações em nosso tempo.

Sendo assim, temos que pensar sempre em trabalho cooperativo, em redes inter-instituições, em *inforvias*, em busca de contato e comunicação com o meio e os dispositivos circundantes, bem como com os remotos que mais facilmente que no passado podem hoje ser acessados via tecnologia. Se o sonho da biblioteca universal, onde seriam colocados todos os conhecimentos de todos os tempos e lugares, foi sempre ficção, no mundo atual, com seus excessos de signos e de bens produzidos pelo mercado cultural, mais que ficção, tal ideal tende à piada. De outro lado, temos possibilidade de acessos, via WEB e cooperações proporcionadas pelo avanço tecnológico, que não tínhamos no passado, fato que significa dizer que podemos estar em contato com milhares de fontes informativas, em várias partes do mundo, simultaneamente, condição que torna a *biblioteca universal* paradoxalmente real.

Se, portanto, reunir recursos, dar objetividade às *Estações do Conhecimento* facilita a execução de planos, programas e projetos, a dispersão de tais recursos não pode adiar o início de aprendizagens indispensáveis. Muitas vezes, uma biblioteca escolar pode ter início com um acervo volante, um cantinho ou uma sala de leitura. Por outro lado, é importante que tais ambientes sejam pensados de forma dinâmica, tenham um projeto de desenvolvimento constante. Mesmo uma super biblioteca escolar, se não tiver um projeto de desenvolvimento, acaba cristalizando-se e morrendo de inanição. Assim, apesar das dificuldades, sempre é possível articular recursos, criar conexões, lançar mão e otimizar as possibilidades, por mínimas que estas sejam; por outro lado, sempre é possível aumentar as chances de um trabalho significativo ao se buscar cooperação, trocas, comunicação; sempre é possível, enfim, inventar, criar, ampliar, ao se estabelecer elos, seja nos aspectos espaciais, nos repertórios informativos – quanta informação e saber as comunidades possuem, os idosos, os jovens, as crianças! – nos aparatos técnicos, nos suportes. Se a dispersão traz limites evidentes, pode trazer também ganhos relacionais importantes, capazes muitas vezes de abrir portas de que sequer suspeitamos. A concentração dos recursos num espaço físico, por melhor que este seja, não é capaz de, por si só, educar para a informação, promover *aprendizagens informativas*. Estas demandam, antes de qualquer coisa, em primeiro lugar, planos, programas, projetos, capazes de reunir e articular num todo coerente e consistente concepções, conceitos, recursos e práticas envolvendo as novas relações entre a informação e a educação na contemporaneidade. A criação e desenvolvimento dos ambientes, portanto, deve ser parte desses planos, dessas ações orgânicas e articuladas.

A Infoeducação⁶

Planos, programas, projetos se constituem, por sua vez, a partir de objetos específicos. Neste caso, assim como a *Estação do Conhecimento*, o objeto, dos programas em questão têm um nome novo: *infoeducação*.

⁶ O termo foi definido pelo Prof. Edmir Perrotti, a fim de caracterizar o conjunto de pesquisas levadas a efeito sob sua coordenação, na Escola de Comunicações e Artes, da USP, e que atualmente se desenvolvem ligadas ao Colabori-Colaboratório de Pesquisas em Infoeducação, na mesma ECA/USP.

Reunindo em um mesmo vocábulo os campos da Informação e da Educação, a fim de enfrentar a problemática dos saberes informacionais e sua apropriação na atualidade, a *Infoeducação* é o elemento que dá substrato teórico e metodológico às iniciativas em questão. Nova abordagem das relações entre a informação e formação, a *infoeducação* fornece a mediadores de educação e cultural o suporte necessário às suas ações envolvendo comunidades de crianças, jovens e adultos, tendo em vista o domínio de saberes que até recentemente não eram tidos como essenciais nos processos de formação.

Nos quadros de saturação informacional e mediática que nos envolve, a *Infoeducação* emerge como campo preocupado com o destino das significações e do conhecimento, razão pela qual as *Estações do Conhecimento* são seu instrumento privilegiado de ação. Nelas - e a partir delas -, os processos de educação para a informação ganham objetividade e espessura, os saberes informacionais se constituem, da mesma forma que um novo conjunto de conhecimentos e fazeres se afirmam, tendo em vista processos de mediação de informação e conhecimento que tomam os sujeitos como *protagonistas culturais*⁷ e não meros consumidores de objetos e signos.

Com seus objetos e objetivos, com seus processos e modos de atuação, a *infoeducação* sustenta, pois, conceitual e metodologicamente as *Estações do Conhecimento*, fornecendo bases para planos, programas e projetos educacionais e culturais aí desenvolvidos. Desse modo, a partir de um conjunto de elementos metodicamente concatenados, as *Estações* atuam para que, além do acesso às informações, os sujeitos aprendam a se informar, para que, ao se informarem, se eduquem para a informação, se apropriem de saberes próprios da *era da informação*, isto é, *infoeduquem-se*, como condição indispensável de participação na cultura de nosso tempo. Ser *infoeducado*, tendo em vista o domínio dos *saberes informacionais* complexos de nossa época, é condição fundamental de construção e de participação afirmativa nos destinos da chamadas *Sociedades do Conhecimento* ou da *Informação*.

Reconhecer, pois, a importância de tais questões, na educação da atualidade, é o primeiro passo no sentido de superação dos limites impostos pelo tratamento pontual, quase sempre aleatório, a elas dado no passado; é caminhar em direção a novas realidades teóricas e práticas, contribuindo para a educação de crianças, jovens e adultos, em conformidade com a *era da informação*, mas ao mesmo tempo, assegurando o domínio de ferramentas cognitivas, afetivas, atitudinais que estão na base da formação de sujeitos que participam crítica e criativamente dos processos sociais de conhecimento e cultura - os *protagonistas culturais*.

O Infoeducador

Infoeducação implica mediação, ação de profissionais. Não pode, assim, existir sem mais um – desculpem! – termo estranho, mas agora talvez mais facilmente compreensível: o *infoeducador*.

Assim, o que, quem, pra que, por que *infoeducador*?

⁷ O conceito de *protagonismo cultural* foi definido no corpo das pesquisas de *infoeducação* e se define em oposição ao de consumidor cultural.

Se a *infoeducação* surge com nova abordagem em resposta à necessidade de articulação de saberes que foram historicamente se separando, como os dos campos da Informação e da Educação, o *infoeducador* surge também da mesma necessidade, só que aplicada, agora, à atuação profissional. Nesse sentido, infoeducador é um conceito-objeto que remete para um profissional que coordena e se envolve diretamente na elaboração, implementação, acompanhamento e avaliação dos planos, projetos e programas institucionais de *infoeducação*. Se, ao contrário, por exemplo, dos bibliotecários, não tem domínio de conhecimentos especializados indispensáveis à produção de sistemas de informação com suas linguagens e processos complexos e precisos; se, por outro lado, não é necessariamente especialista em disciplinas como português, matemática, história, geografia, artes ou outra qualquer, deve, todavia, ter domínio da problemática da informação em toda sua complexidade, seus processos, suas linguagens, seus dispositivos, além de estar apto para conceber e desenvolver *Estações do Conhecimento* em todos os seus aspectos, responsabilizando-se por ações educativas e culturais envolvendo saberes didático-pedagógicos especiais, situados entre a formalidade das salas de aula e a informalidade dos espaços culturais.

Considerado tal perfil constituído de intersecções, o *infoeducador* é um profissional de nossa época, em gestação, portanto. Ele é aglutinação de saberes e fazeres de situados na intersecção de educadores com profissional da informação, não sendo nem um, nem outro, em especial, mas um *educador cultural*.

Responsável pela implantação e desenvolvimento das *Estações do Conhecimento*, pelos processos educativos que aí ocorrem, pelas articulações com espaços externos de conhecimento e cultura, o *infoeducador* não substitui, todavia, nem professores, nem bibliotecários ou outros profissionais nascidos em outras épocas e circunstâncias históricas, embora, com suas ações, redefina o papel de tais profissionais. Nesse aspecto, *infoeducador* é categoria sócio-ocupacional em processo de constituição e em resposta a aspirações e condições culturais próprias de nosso tempo. Não é, portanto, profissional da conservação ou da difusão cultural, como foram bibliotecários ou professores. É, antes, mediador de processos de apropriação cultural, envolvendo conceitos, práticas, organização e mobilização de processos e recursos informacionais que são de seu domínio exclusivo.

Dentro de tais características, o *infoeducador* pode ser, por exemplo, um bibliotecário, proveniente do campo da Informação, com interesse e conhecimento das dinâmicas educativas e pedagógicas, como ser um educador, com interesse e conhecimento de questões teóricas e práticas relativas à informação e à cultura. Por outro lado, e a bem da verdade, como se trata de ocupação em constituição e definição em nossa época, neste caso importa menos o diploma e sua filiação e mais as habilidades, competências, atitudes e interesses do candidato a *infoeducador*. Além disso, tal como a *Estação do Conhecimento*, na falta de condições para a existência de um profissional especializado, o *infoeducador* pode se constituir a partir de uma instância coletiva, uma coordenação de esforços, uma reunião de profissionais da informação, da educação e de outras áreas, em torno de ações de *infoeducação*, em diferentes ambientes, escolares ou não. Ainda que seja necessária a responsabilização pelos planos, programas e projetos, estes podem ser assumidos por equipes, enquanto não chega esse profissional que, no futuro, certamente fará parte dos quadros das instituições de educação e de cultura, na qualidade de educador e/ ou mediador cultural.

Práticas de *Infoeducação* nas *Estações do Conhecimento*

Estações lembram movimento, chegadas e partidas, além de lembrar os ciclos sazonais, com florescimento, maturação, tempo de espera, novas sementeiras. Têm relação com espaço e tempo, em que acontecem buscas, encontros, desencontros, trocas. Estações nos remetem a tempos de plantio e de colheita, e a infindáveis recomeços.

Nas *Estações do Conhecimento*, o movimento também é constante, num vai e vem de passageiros, cujos bilhetes de passagem são as informações. Informações com validade para outros destinos, outras paradas, num fluxo em que a meta é a apropriação do conhecimento.

O vai-e-vem, no entanto, tem uma programação objetiva, planejada, contextualizada. A chegada ao conhecimento implica *práticas de apropriação*, diferentes do acesso aleatório às informações. Implica interações em que se pressupõem aprendizagens de atitudes, competências e habilidades para a pesquisa e o gerenciamento dos próprios saberes adquiridos. Mediações que possibilitem liberdade de protagonizar as próprias escolhas, as leituras, as significações, numa retomada constante de memórias e reaproveitamento de informações.

Práticas de iniciação

Antes mesmo da criação, da inauguração de uma Estação do Conhecimento, já podem ser planejadas práticas que tenham a força de ritos de iniciação, para que as ações se caracterizem pelo encantamento do novo, pela ocupação diferenciada de um espaço, pela introdução a novas conceituações. Isso traz à mente parte de um poema do livro *O jogo da contas de vidro*, do Hermann Hesse (1969), e que reporta tanto ao conceito dessa nossa *Estação* como à necessidade do ritual iniciático:

(...)

“Em todo o começo reside um encanto
Que nos protege e ajuda a viver.
Os espaços, um a um, devíamos

Com jovialidade percorrer,
Sem nos deixar prender a nenhum deles
Qual uma pátria;
O Espírito Universal não quer atar-nos
Nem nos quer encerrar, mas sim
Elevar-nos degrau por degrau, nos ampliando o ser”. (Hermann Hesse)

(...)

Se a *Estação do Conhecimento* se traduz num espaço de abertura para a informação e apropriação do saber, os “degraus” a percorrer nessa conquista implicam, desde o começo, ações propostas em múltiplas linguagens, em que comunicação e autonomia acontecem num ambiente de trocas, ele próprio um dispositivo *infoeducativo*. As primeiras práticas, iniciadas até mesmo durante o processo de instalação do novo dispositivo, têm a ver com a idealização que cada futuro freqüentador pode imaginar para o espaço. Então, desenhos ou maquetes, sugeridos em projetos das várias classes ou grupos, como gincanas, competições, registros de memórias sobre o prédio da escola ou instituição, acompanhados de textos elucidativos, poderão ser expostos juntamente com fotos das várias etapas da construção ou reorganização do espaço. Atividades envolvendo apresentações orais ou musicais, presencialmente ou gravadas em multimídia, poderão permear visitas ao local. Um bom tocador de violão poderá

incentivar visitantes, membros da comunidade escolar, alunos, professores, funcionários a conhecer e opinar sobre a instalação, a entrevistar operários que a produzem, tirar fotos, gravar depoimentos que futuramente serão mostrados, quando o espaço for inaugurado. Tudo isso poderá favorecer um envolvimento crescente em torno de uma inauguração que vai sendo alimentada por significações construídas por todos os participantes que se beneficiarão do novo espaço.

A chegada do acervo deve ser marcada, festejada, celebrada. Antes mesmo de ser organizado nas estantes, ele poderá ser motivo para várias práticas que instigarão a curiosidade de alunos, educadores, funcionários, pais, comunidade. Podem ser divulgadas listas nos mais diferentes lugares, dando pistas ou questionando sobre a existência de títulos de livros, de DVDs, de CDs, dentro de categorias variadas. Uma brincadeira de caça às pistas dos “tesouros” a serem encontrados na futura Estação, é sempre um estímulo que causa interesse; uma revelação parcial do acervo poderá estar acontecendo numa estrutura de móveis feitos com os próprios livros ou com capas xerocadas; o mesmo processo pode incluir CDs e DVDs, apresentados em sacos plásticos transparentes e dispostos em corredores de acesso dos educandos e comunidade.

Claro que para o dia da inauguração um sabor de festa acompanhará cada momento da programação especialmente preparada, com toques musicais, poéticos, teatrais, tudo valendo nesse dia de ritual, desde que significativo, bonito, compartilhado.

Práticas de continuidade

Dar conta de sustentar o encantamento e os desejos suscitados nos frequentadores da *Estação* supõe uma formação iniciada anteriormente e que se prolongará indefinidamente em atividades as mais variadas, como reuniões, visitas de apresentação, de empréstimo do acervo; participação em eventos como simpósios, exposições, excursões a outros espaços culturais; divulgação criativa a cada nova chegada de livros, cds, dvds e outros materiais; planejamentos e avaliações de ações conjuntas entre os vários docentes e profissionais da instituição, etc.

Horários e Normas de utilização do espaço e do acervo, cronogramas de apresentação de projetos, formas de registros de retiradas e devoluções, entre outras questões, serão programados e divulgados oportunamente, em conjunto com todos os interessados.

O envolvimento da comunidade poderá se dar desde a participação nas práticas de iniciação, devendo haver uma persistência desse propósito em todas os momentos de reunião, de comunicações, de avaliações e replanejamentos. Uma forma eficaz desse envolvimento é a divulgação periódica de boletins, organizada com a colaboração de todos e que poderá ser mensal, bi ou trimestral, garantindo a comunicação permanente das ações e opiniões sobre os eventos da *Estação*.

Planejar para a continuidade

Um plano específico de *infoeducação* deverá ser desenvolvido e poderá servir-se de premissas norteadoras, como as indicadas no *Programa de Infoeducação*.⁸

A *Estação do Conhecimento*, sob a responsabilidade de um *infoeducador*, deverá coordenar o planejamento das ações, em sintonia com o planejamento da instituição, tenha ela caráter escolar ou não. Portanto, deverá contar com a participação de todos os responsáveis pelos programas a serem desenvolvidos, numa harmonia de metas e pressupostos básicos.

Cronogramas para a frequência ao espaço, em programações de tempo que contemplem as necessidades de cada classe ou grupo de educandos serão experimentados e avaliados até chegar-se a um consenso de eficácia. O importante é que as opiniões e argumentações sejam ouvidas e aproveitadas de forma a manter-se uma motivação sempre crescente, tanto em relação às normas de utilização do acervo e do espaço, quanto às práticas a serem planejadas e executadas, não só as sugeridas e acompanhadas pelo *infoeducador* como também aquelas programadas e coordenadas pelos educadores. A soma de objetivos e estratégias possibilitará a diversidade e a interatividade de projetos, inseridos nas várias áreas da grade curricular ou propostas educacionais.

Assim, um sarau poético-musical, por exemplo, poderá implicar numa integração de interesses, não só da área de Comunicação e Expressão, mas também de História e Geografia, na medida em que é possível contextualizar as produções poéticas e musicais em seus momentos históricos acontecidos num determinado espaço geográfico, pesquisando dados com o auxílio dos recursos informacionais disponíveis. A participação de todos os profissionais na definição de metas e atividades garante a disposição para o melhor aproveitamento da *Estação do Conhecimento*.

É importante salientar que esses acervos informacionais deverão crescer não só pela aquisição de novos equipamentos e dispositivos, mas também com as próprias produções realizadas pelos educandos e frequentadores da *Estação*. A documentação das atividades e resultados alcançados, como relatos, fotos, resenhas, elaboração de antologias, Cds, vídeos, entre outros, irá sendo selecionada, classificada e arquivada nos espaços apropriados, sendo os dispositivos colocados em destaque quando necessário.

A culminância de projetos, por outro lado, poderá ocorrer num evento em que uma exposição ou apresentações presenciais reforcem as aprendizagens e dêem margem a que as informações sejam recriadas e transformadas, num processo de apropriação que implica outros saberes e outras práticas.

Formação dos educadores

Nas *Estações do Conhecimento*, toda e qualquer prática de exploração e utilização do acervo disponibilizado requer um conhecimento dos educadores, o que pode ser proporcionado por oficinas especialmente planejadas para tal, em agrupamentos variados, de acordo com o dispositivo a ser explorado e utilizado em atividades que contemplem as diferentes faixas etárias ou grau de escolaridade dos educandos. O

⁸ Programa de Infoeducação, elaborado pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti, idealizador das Estações do Conhecimento, disponibilizado no blog do Colaboratório de Infoeducação, da ECA/USP: colabori.blogspot.com

responsável pela formação poderá aproveitar as habilidades específicas de cada educador (de educação infantil, de educação artística, física, musical, de ciências exatas, etc.) na proposição de atividades para despertar o interesse na exploração dos diferentes materiais.

Práticas para a autonomia: uma ação leva a outra

Saber utilizar os diferentes recursos espaciais da Estação do Conhecimento e manusear com eficiência os equipamentos ali dispostos é uma das metas iniciais a direcionar as práticas para a autonomia de utilização desse dispositivo *infoeducativo*. Um espaço cuja transformação foi acompanhada com entusiasmo por todos, já carrega uma motivação especial de aproveitamento tão logo se dê a inauguração! Então, é só explorar essa motivação com estratégias de acordo com os interesses próprios de cada grupo etário.

Imaginem as mais diferentes finalidades e formas de apresentação e visitação exploratória que poderão acontecer: para os grupos ou classes de Educação Infantil, magia e afetividade podem estar presentes com recursos de bonecos artesanais ou personagens conhecidos da ficção, que receberão os visitantes apresentando e propondo atividades nos diferentes espaços: de oralidade; de leitura; de audiovisual; de exposição de jornais e revistas; de exposição de livros de diferentes categorias; de informática etc. As atividades podem ser tanto de contação de histórias, como de audição de histórias ou poemas lidos, leituras de curiosidades em jornais e revistas, ou cantigas de roda, brincadeiras de busca de materiais que poderão ser os próprios livros ou outros materiais, enfim, a cada visita as atividades podem acontecer de maneiras variadas e com objetivos bem definidos, de conhecimento dos espaços, equipamentos e acervo escolhidos.

Como uma ação leva a outra, os pequenos poderão, numa outra oportunidade, receber os pais e apresentar para eles os espaços cuja denominação e utilidade já aprenderam, em atividades de descobertas dos recursos informacionais neles existentes. Poderão partilhar emoções em rodas de contação ou leitura de histórias.

Os grupos maiores poderão fazer suas visitas exploratórias já com uma orientação prévia, a partir de plantas do local, onde reconhecerão os espaços e equipamentos *in loco*, podendo ter propostas variadas de atividades escolhidas, em grupos ou individualmente, de pesquisa de informações para diferentes fins, sempre com auxílio dos educadores e do *infoeducador*, quando precisarem.

Num outro momento, os grupos poderão apresentar suas descobertas para outras classes ou para os pais, demonstrando aprendizagens de manuseio de equipamentos e de localização do acervo.

Essas práticas abrangerão aos poucos os vários recursos informacionais da Estação do Conhecimento, como a base de dados, o sistema de sinalização, os documentos de diferentes espécies e linguagens, as formas de registro das retiradas e devoluções ocorridas, ou ainda os combinados para o melhor aproveitamento coletivo dos recursos. A graduação de informações e orientações de uso ocorrerá conforme a motivação suscitada nos vários projetos, idealizados com integração das várias áreas do currículo proposto na instituição. O encadeamento de ações reforça as significações encontradas e trocadas entre os educandos. Essas significações, construídas com o alicerce das memórias culturais, afetivas e de aprendizagens de cada um, inclusive dos mediadores, poderão desencadear produtos como relatos escritos ou gravados, desenhos ou modelagens, fotos, etc.

Um exemplo de atividades que desencadearam outras e cresceram em significação, com alunos de uma escola de Ensino Fundamental da cidade de São Bernardo do Campo: As crianças de terceira série, já conhecedoras dos recursos espaciais e da organização documentária, fizeram seus empréstimos de livros de forma autônoma, levaram para casa, leram para os pais e documentaram a situação com fotos e relatos dos envolvidos, discorrendo sobre a significação daquela atividade e, posteriormente, montando com ajuda da *infoeducadora* álbuns de classe, disponibilizados para os freqüentadores do espaço e para os pais.

O reconhecimento da função cultural da leitura e as interações com pessoas significativas para o educando reforçaram o conhecimento da língua e da literatura, conferindo-lhes sentidos especiais.

A aparentemente simples atividade de escolha de um livro pode e deve levar a outras práticas, dentro da seqüência de metas propostas nos programas de *infoeducação*. É o que acontece como a identificação e aproveitamento de dados informacionais constantes na capa, contra-capas, orelha e índice, que podem ajudar nessas mesmas escolhas. Mesmo crianças pequenas já podem ser incentivadas a reconhecer um livro, não só pela ilustração da capa, mas pelo título e autor. Numa graduação de informações, as crianças saberão dar importância a todas as referências constantes nas fichas catalográficas que identificam uma obra. A passagem dessas aprendizagens aos pais possibilita a repetição de atividades que reforçam e significam a apropriação de saberes próprios da cultura da escrita.

Outros projetos podem levar a diferentes ações como a solicitação de informações e orientações a profissionais que atuam na própria instituição ou em outros dispositivos culturais. Por exemplo, num projeto sobre alimentação e culinária, podem ser solicitados depoimentos de pessoas que trabalham no local ou pessoas da comunidade, bem como profissionais de reconhecida importância para as crianças. Podem ser profissionais da área da saúde e alimentação, escritores e jornalistas que pesquisaram e escreveram sobre o assunto em pauta, pessoal que prepara as refeições na escola, que atua na secretaria e outros. Daí podem decorrer atividades que envolvam pesquisas com os recursos informacionais existentes na Estação, havendo possibilidade de trabalho com instrumentos de coleta e registros de informações, que levam a outras necessidades de desenvolvimento de habilidades como tirar fotos, fazer registros sonoros ou videográficos e que podem exigir a colaboração de outros profissionais ou conhecedores dessas práticas. Enfim, dosando as capacidades pertinentes a cada faixa etária e conhecimentos adquiridos, as práticas podem ir num crescendo de motivações e realizações.

Práticas visando às competências e aprendizagens intelectuais

Em se tratando de competências ou domínio de aprendizagens intelectuais, podemos elencar uma série de saberes a serem apropriados pelos educandos, num tempo peculiar de cada um, dependendo de fases de desenvolvimento e maturação específicas, que poderão ser estimuladas por práticas apropriadas e continuadas.

Saber formular e comunicar necessidades de informação; identificar, avaliar e selecionar diferentes fontes e recursos de informação; selecionar, explorar linguagens e recursos documentários; identificar, avaliar, selecionar e explorar fontes de informação; identificar, avaliar e selecionar informações; receber informações de diferentes

naturezas, suportes e linguagens; registrar, organizar, analisar, sintetizar, interpretar e comunicar informações; formular, desenvolver e avaliar projetos de informação; e, ainda, saber organizar documentação e informações pessoais são saberes a serem iniciados desde a infância, – todos esses saberes devem ser iniciados desde a infância construídos e renovados durante a vida toda. A *Estação do Conhecimento*, preparada para essas aprendizagens, pode ser o espaço ideal, numa escola ou outra instituição educativa, para a organização de práticas que levem à apropriação desses saberes, orientadas pelo *infoeducador* e educadores, numa ação contínua, integrada e planejada criteriosamente.

Práticas visando à formação de atitudes e valores

Todas essas competências implicam estimulação de atitudes e reconhecimento de valores que devem acompanhar todas as práticas programadas e desenvolvidas, tanto pelos mediadores que demonstrarão interesse pela produção e recepção de informações de diferentes naturezas, suportes e linguagens, quanto pelos educandos. Estes terão oportunidade de, gradativamente, adquirir e demonstrar interesse em compartilhar informações de diferentes naturezas com diferentes segmentos socioculturais e etários, dentro de diferentes finalidades, sejam práticas, de lazer ou estéticas.

Uma prática de compartilhamento de informações sobre tradições culturais levantadas na comunidade, com manifestações atuais ou registradas na memória de entrevistados, pode aguçar o interesse em traçar o perfil cultural dos moradores da região, numa pesquisa de costumes alimentares, tradições religiosas, folclóricas (memórias de contos, canções, etc) tradições esportivas, musicais, políticas. Enfim, a abrangência pode ser selecionada e recortada ou ampliada, dependendo da interação possível com os educadores em suas respectivas áreas de interesse. O envolvimento direto com os entrevistados, que poderão ser parentes ou conhecidos, exigirá outras tantas habilidades e atitudes que englobarão valores, como respeito às diferenças, às informações obtidas. Por outro lado, incitarão o interesse em aprendizagens indispensáveis como o manuseio de dispositivos de registro das informações (máquinas fotográficas, gravadores, filmadoras), a organização desses registros, a apresentação de tabulações de dados em gráficos, a pesquisa de informações que auxiliem na contextualização e entendimento dos dados recolhidos. Por exemplo, se a memória musical se concentrar no surgimento e apogeu da bossa-nova, a busca por dados referentes ao período dessa manifestação pode ocorrer para reforçar a compreensão dessa preferência musical, e assim, num encadeamento de interesses de aprendizagens.

A comunicação dos resultados desse projeto poderá levar a outras práticas, que exigirão outras aprendizagens e assim por diante. A chave para abrir e manter esse leque de interesses está na própria rede de informações que vai sendo tecida e alimentada pela comunicação e significação das práticas executadas.

Os conteúdos abordados pelas práticas

Os conteúdos das práticas nas Estações do Conhecimento englobarão objetivos atitudinais, procedimentais e conceituais, os quais poderão constar do planejamento das diferentes séries da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, numa adequação graduada de dificuldades, conforme o nível de ensino e também conforme a ordenação de prioridades a serem selecionadas.

Assim, dentro de categorias específicas, poderão ser agrupados os conteúdos que se adequarão às metas propostas em conjunto pelos educadores e *infoeducador*, os quais abordam desde conceitos básicos referentes à nomeação dos dispositivos de informação - bibliotecas, museus, arquivos, centros de memória etc - até os conteúdos referentes ao funcionamento dos circuitos e redes de informação e cultura; desde a tipologia documentária até as linguagens e produtos documentários; desde a informação oral, até a escrita, audiovisual, eletrônica. Inscrevem-se nesses conteúdos, ainda, as referências bibliográficas, os modos de constituí-las, bem como a produção e utilização da memória local.

Não poderão deixar de ser planejados instrumentos de aplicação periódica para avaliar os dispositivos informacionais quanto à eficácia de seu funcionamento, suas práticas, e seus métodos. Tudo isso, contudo, dentro de planos, programas e projetos específicos, flexíveis, abertos, mas sistemáticos, orgânicos e contínuos, negociados com todo o corpo pedagógico, formulados para cada grupo, cada turma, uma vez que as aprendizagens estarão em consonância com as condições e especificidades do grupo e seus membros, considerados coletiva e individualmente.

Referências bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRUNER, Jerome. *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999.

ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HESSE, Hermann. *O jogo das contas de vidro*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento Cultural, Infância e Leitura*. São Paulo: Summus, 1992.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. *Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade*. In: LARA, M.L.G.; FUJINO, A.; NORONHA, D.P. (Org.). *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Nectar, 2007, p. 47-98.